

A DISCUSSÃO DO DIFERENTE NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA¹

Ismerina do Nascimento²
Rosineide Alves de Farias³

"Por mais que lutemos arduamente para evitar os preconceitos associados à cor, credo, classe ou sexo, não podemos evitar olhar o passado de um ponto de vista particular [...]. Nossas mentes não refletem diretamente a realidade. Só percebemos o mundo através de uma estrutura de convenções, esquemas e estereótipos, um entrelaçamento que varia de uma cultura para outra..."⁴

A referida produção é um breve resumo de um seminário apresentado na disciplina do professor Dr. Antônio Clarindo Barbosa de Souza, que ministrou a cadeira: Estudo do livro didático de História, disciplina esta que faz parte da grade curricular do curso de Especialização em Historiografia e ensino de História, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Nosso alvo foi a reflexão sobre a constante necessidade de trabalhar a questão da "diferença", que se faz necessário, não para aboli-la, mas para entendê-la e desneutrar as "verdades", principalmente em nossa atuação em sala de aula.

A discussão da diferença teve como ponto de partida o conceito de civilização pregado pelo etnocentrismo europeu sobre as nossas sociedades indígenas, assunto geralmente apresentado nos conteúdos da 6^a. Série do Ensino Fundamental. Nossos objetivos foram: Entender o conceito de civilização, levando em consideração a denominação "bárbara", utilizada no Império Romano para classificar o "diferente"; Perceber o "diferente", sob a perspectiva da imposição cultural e civilizatória, impostas pelos europeus que vieram colonizar o Brasil; Discutir a civilização como base para a dominação e aculturação (língua e religião) empregadas pelos portugueses no "Brasil Selvagem".

Para isso pesquisamos em três livros didáticos, e analisamos como os autores trabalham a questão da diferença europeu/índio. Depois de expostos os discursos utilizados nos livros, fazemos a abertura para uma discussão do que seria o diferente para os alunos e como esta diferença pode interferir na visão dos dois grupos distintos que se encontraram na "nova terra", denominada Brasil. Fazendo alguns questionamentos para que a idéia de civilização seja percebida como pressupostos para dominação e aculturação das sociedades indígenas.

1 Trabalho apresentado no Simpósio Temático "História da Educação no Contexto da Cultura Histórica", durante o XII Encontro Estadual de História da ANPUH-PB, realizado no Campus da Universidade Federal de Campina Grande, em Cajazeiras (PB), entre 23 e 28 de julho de 2006. Trabalho orientado pelo Prof. Dr. Antônio Clarindo Barbosa de Souza.

2 Licenciada em História pela Universidade Estadual da Paraíba; Pós-graduanda da Especialização em Historiografia e Ensino de História na Universidade Federal de Campina Grande. ismerina@bol.com.br

3 Licenciada em História pela Universidade Estadual da Paraíba; Pós-graduanda da Especialização em Historiografia e Ensino de História na Universidade Federal de Campina Grande. rosehistoriadora@yahoo.com.br

4 BURKE, Peter (org.). A escrita da História: novas perspectivas. São Paulo, Unesp, 1992.

Problematiza-se a diferença por termos uma constante preocupação de criar à semelhança, a harmonia, a normalidade. Para fazer a referida pesquisa, nos debruçamos sobre três livros didáticos muito comuns em nossas escolas paraibanas:

COTRIN, Gilberto. Saber e Fazer História - 6ª. Série / São Paulo: Saraiva, 2001;

SHMIDT, Mario Furley. Nova História Crítica - 6ª. Série / São Paulo: Nova Geração, 1999.

MONTELLATO, Andrea. CABRINI, Conceição. CATELLI, Roberto Júnior. História Temática: Diversidade Cultural e Conflitos - 6ª. Série - São Paulo: Scipione, 2000.

Um dos primeiros passos foi pesquisar a visão de História de cada obra. Cotrin aborda a História na sua coleção como uma síntese dos principais tópicos da história Ocidental. Afirma que nenhuma obra de História é objetiva no sentido de ser neutra, isenta, livre de paixões e pressões do seu tempo. Permeada de intencionalidade nos temas escolhidos para análise, na iconografia, na ênfase sobre determinadas questões e até mesmo nas lacunas. Seu perfil teórico-metodológico tem como referência o paradigma tradicional, procurando entretanto, cruzá-lo com algumas tendências historiográficas.

Na p. 67, do referido livro de Cotrin, percebemos que o grande encontro dos diferentes: "índio"/europeu, onde o autor chama de impacto profundo para ambos, e questiona a antiga visão heróica atribuída ao civilizado e corajoso europeu. E cita:

"Bárbaros antropófagos": "crianças da história da humanidade": "bons selvagens": eram muito contraditórias as imagens criadas pelos recém-chegados para "explicar" os americanos". Mas essas questões, despertadas pelo contato com o outro, não foram exclusivas dos europeus: os povos americanos também queriam entender e explicar quem eram esses homens que chegaram de um mundo por eles desconhecido.⁵

A Coleção de Shmidt, Nova História Crítica é recheada de imagens que complementam, de forma criativa, as informações citadas. A preocupação do autor é fazer com que o leitor raciocine historicamente, fazendo questionamentos do tipo: "o que esses acontecimentos têm a ver com o mundo atual? Como influenciaram a maneira de viver e de pensar das mulheres e dos homens de hoje? Como eles ajudam a explicar o que está acontecendo agora?"

Ele destaca o olhar europeu sobre os povos americanos, ressaltando a questão antropofágica e faz questionamentos (p. 140):

"Os europeus da época ficavam horrorizados com a antropofagia dos índios da América. Mas será que as guerras européias, que matavam muito mais gente não eram mais horrendas ainda?"⁶

5 COTRIN, Gilberto. Saber e Fazer História – 6ª. Série / São Paulo: Saraiva, 2001

6 SHMIDT, Mario Furley. "Nova História Crítica – 6ª." Série / São Paulo: Nova Geração, 1999.

Aponta, ainda na p. 140: a questão da igualdade e diferença entre os indígenas:

"Apesar de tantas diferenças, também podemos encontrar muitas semelhanças importantes entre os povos que viviam onde hoje é o Brasil. O que mais chama atenção é a grande igualdade social que existia nas aldeias. Não havia classes sociais, nem gente mais rica ou mais pobre que outras... "

O tópico "Pensando as diferenças" é bem sugestivo e desperta algo novo que geralmente não encontramos nos livros didáticos:

"É claro que as comunidades indígenas não eram o reino da perfeição. Mas quando conhecemos a maneira de eles viverem, podemos ver um pouco de fora nossa própria sociedade. Podemos refletir melhor sobre nossa desigualdade social, sobre o poder que umas tem sobre outras, sobre a situação das mulheres das crianças, dos adolescentes e dos velhos. Podemos questionar a idéia de civilização. Pensar melhor no que somos e no que queremos ser. Podemos aprender a respeitar a todos os povos da terra. "

Mais adiante, na página 154, o Schidt, reforça a idéia de civilização, ressaltando que cada sociedade tem a própria maneira de valorizar as coisas. A economia dos índios não pode ser comprada coma nossa. Na sociedade deles não havia comércio, os produtos não tinham preço. Quando o índio dava alguma coisa para outro, como uma canoa, um colar de penas, um pote, ele levava em conta o que o objeto simbolizava: a amizade, a vontade de viver em paz, o prazer de proporcionar alegria ao outro. Na nossa sociedade capitalista, é diferente: quase tudo tem um preço, quase tudo poder ser comprado e vendido. E sobre o termo "civilizado" escreve (p. 154):

"Os índios trabalhavam muito em troca de pedaços de vidro colorido. Em compensação, os europeus invadiram terras indígenas, mataram, roubaram, escravizaram, tudo isso para enriquecer. Quem era mais civilizado: o que trabalhava em troca de presente ou o que matava e roubava?"

Quando consideramos que os valores de nossa cultura, criados por nossa sociedade, são 'verdades absolutas' e que todas as outras culturas diferentes são 'inferiores, bárbaras, atrasadas nós estamos sendo etnocêntricos.

Os portugueses foram etnocêntricos porque achavam que só a maneira de pensar e de sentir dos europeus era correta e boa. Como a cultura indígena era diferente da européia, ela foi considerada 'inferior', 'primitiva', 'selvagem'. Fizeram tudo isso para que os índios sentissem vergonha de sua cultura."

A equipe coordenada por Conceição Cabrini também expõe sua visão de história, no manual pedagógico de sua coleção: História Temática, onde os mesmos analisam o mundo e sua temporal idade, desenvolvendo assim, sua proposta pedagógica que é: levar os alunos a

adquirir capacidade de transcender os referenciais usados na divisão do tempo histórico que consideram somente os marcos de poder e de dominação. Nessa visão, os povos entram e saem de cena conforme se tornam dominantes num determinado contexto histórico.

*"A coleção propõe-se a estabelecer um diálogo entre os conhecimentos que os alunos adquirem de modo informal e os saberes escolares. São estes que devem contribuir para desenvolver conceitos que ajudem a ler e a analisar o mundo e seu tempo, adquirindo autonomia e sendo incentivados a buscar novas fontes de informação e conhecimento."*⁷

Com a mesma rapidez na qual se sucedem as mudanças tecnológicas e econômicas, os discursos sociais se revestem com novas palavras, se disfarçam com véus democráticos e se acomodam sem conflito às intuições dos enunciados do momento.

Muitas vezes, quando vamos a lugares desconhecidos e encontramos pessoas que têm costumes diferentes dos nossos, nos sentimos "de fora". Notamos, então, as diferentes e semelhanças entre os nossos costumes e o dos outros. Tomamos mais consciência de nós mesmos e, nesse momento, também passamos a nos reconhecer, a conhecer nossa identidade, aquilo que nos distingue dos demais.

*"Teu Cristo é judeu, teu carro japonês, tua pizza italiana, tua democracia grega, teu café brasileiro, teus férias são turcas, teus números árabes, teu alfabeto é latino. E teu vizinho é tão-somente estrangeiro?"*⁸

Em que medida as retóricas da moda estão anunciando pensamentos de ruptura com relação às formas tradicionais em que a alteridade foi denominada e representada?

A preocupação da humanidade sempre foi a construção da semelhança e quando a diferença surgia buscava-se teorias para explicá-los. "Somos diferentes como castigo divino".

Os discursos sociais criam lugares discriminatórios todos os dias. Que atenção educativa à diversidade constitui, finalmente, a prática de uma educação para todos?

Apointa-se formas nas quais a diversidade foi anunciada, mais ou menos explicitamente, configurando aquilo que poderia ser chamado de versões discursivas sobre a alteridade. São elas: "o outro como fonte de todo o mal", "o outro como sujeito pleno de um grupo cultural", "o outro como alguém a tolerar".

"A própria civilização desloca a violência externa à coação interna, mediante a regulamentação das leis, costumes e moralidades. Regulamentação que, longe de qualquer pensamento maniqueísta, tem que ser analisado no contexto do aumento de cadeias sociais de

7 MONTELLATO, Andrea. CABRINI, Conceição. CATELLI, Roberto JÚnior. História Temática: Diversidade Cultural e Conflitos - 6ª. Serie - São Paulo: Scipione, 2000

8 SALEM, Helena. As tribos do mal: o neonazismo no Brasil e no mundo. São Paulo: Atual, 1995.

*interdependência, como também no marco dos dispositivos de construção de sujeitos e regimes de verdade.*⁹

A demonização do outro: sua transformação em sujeito ausente, quer dizer, a ausência das diferenças ao pensar a cultura; a delimitação e limitação de suas perturbações; sua invenção, para que dependa das traduções oficiais.

A conquista da América Latina, a partir da visão europeia vem inaugurar antagonismo essencial: de um lado à mão redentora dos conquistadores que traz a modernização e progresso e de outro, a brutalidade dos índios.

As ações levadas a termo foram, em quase todos os países da América Latina, desde a eliminação física dos aborígenes, até a construção de sujeitos civilizados. Se substituiu a população nativa por migrantes europeus e se homogeneizou uma nação branca mediante a descaracterização das diferenças.

A convivência entre povos distintos toma-se difícil quando um se sente superior ao outro e tenta dominá-lo. No nosso dia-a-dia, os noticiários são testemunhas constantes de conflitos étnicos em todos os continentes.

O outro diferente funciona como o depositário de todos os males, como portador de falhas sociais. Necessitamos do outro para comprovar nossa identidade oposta à dele. A nomeação de um componente ameaçador o torna diferente (o outro) e justifica-a "superior de um elemento sobre o outro".

Será impossível a tarefa de educar na diferença? Felizmente, é possível educar se acreditamos que isto implica formatar por completo a alteridade, ou regular sem resistência alguma, o pensamento, a língua e a sensibilidade. Porém parece atraente, pelo menos não para poucos, imaginarem o ato de educar como uma colocação, à disposição do outro, de tudo aquilo que a possibilite ser distinto do que é em algum aspecto. Uma educação que aposte transitar por um itinerário plural e criativo, sem regras rígidas que definam os horizontes e possibilidades.

Pelo dicionário Aurélio, a palavra "diferença" é: Qualidade de diferente; divergência; desarmonia; desigualdade; distinção; variedade, dessemelhança. É distingui o outro de um, o outro do mesmo. A educação impõe, a si mesma, o dever de fazer de cada um de nós alguém; alguém com uma identidade bem definida pelas regras da normalidade, as regras que marcam aquilo que deve ser habitual, repetido, reto, em cada um de nós. Claudio Magris¹⁰, afirmou: *"Poderíamos neutralizar o poder letal das fronteiras e começar a sentir sempre do outro lado e a nos colocarmos sempre do lado da outra parte"*.

9 FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Madrid: La Piqueta, 1990

10 MAGRIS, C. *Microcosmos*. Barcelona: Anagrama, 1999

A identidade norma e a identidade anormal: é a esta segunda a que se passou a chamar de diferente, especial e diversa. São os poetas quem, com sua palavra, aceitam no mais íntimo de nossas realidades, isto é, no mais profundo do nosso sentir e no mais sentido de nosso pensar. Se é que se pode chamar de identidade ao fato de não estar na sociedade nem no mundo dos sonhos.

Normalização supõe ocultação da inclinação, compensação do déficit, correção. do desvio. Por fim negação da diversidade. Procura-se meios para explicar a diferença e tentar contorná-la. Uma identidade tão segura que não deve nem precisa duvidar de suas respostas. Sem dúvida, uma identidade livre de inclinações, vazia de intimidade, pois fica reduzida à sua dimensão externa, técnica, profissional, pública. Na realidade, como diz José Luis Pardo¹¹,

"A dimensão pública do eu é a que permite determinar o eu como um sujeito sujeitado ou submetido a uma função social (pública ou privada), isto é, a dimensão a partir da qual os demais o reconhecem, enquanto que a dimensão íntima é aquela na qual o eu se libera de toda sujeição, de toda função, e toda submissão, para fazer-se a si mesmo".

A Pedagogia da diversidade, nascida a par e em consequência das reivindicações que, a partir dos anos 60 e 70, produziram os chamados grupos marginais, minoritários ou majoritários, já que entre eles se contavam mulheres, jovens, deficientes, enfermos crônicos, anciãos, homossexuais, doentes mentais, negros, índios, imigrantes... Essa confusão entre diferença e diversidade não é mais do que um modo de continuar se esquivando de uma questão fundamental para a compreensão de todo o humano.

Trata-se de um novo conceito de liberdade, e também um novo conceito de sujeito. Porém, de conceitos que não estejam vazios de realidade. Enquanto que a realidade siga nos mostrando um sujeito humano individual e autônomo, que precise estar dotado de direitos para ser livre, que não se sinta filho de alguém e não tolere a dependência, e cujo ideal principal seja o dinheiro, podem estar bem tranquilos aqueles que defendem a selvagem globalização e o direito das pessoas à identidade; outros, ao contrário, teremos que seguir nos construindo a nós mesmo, a nós mesmas, com a vã idéia de poder algum dia, sem que o solo se abra sob nossos pés, acreditar na existência desse novo sujeito humano.

A transmissão cultural, pela educação, do patrimônio de conhecimentos e de competências, de instituições, de valores e de símbolos, constituído ao longo das gerações e característico de uma comunidade humana particular, constitui legitimidade do ato de educar, pois propicia uma pedagogia verdadeira, preparando os educando para novas abordagens, novos questionamentos, novas perspectivas.

11 PARDO, J. L. La. Intimidade. Valencia: Pre-textos, 1996

"Desejamos que a águia esputada desperte e voe, ganhando altura e ampliando os horizontes de sua releitura e compreensão de si mesma e do mundo. "
(Leonardo Boff)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURKE, Peter (org.). A escrita da História: novas perspectivas. São Paulo, Unesp, 1992.

COTRIN, Gilberto. Saber e Fazer História - 6ª. Série / São Paulo: Saraiva, 2001.

FOUCAULT, M. Microfísica do Poder. Madrid: La Piqueta, 1990

SHMIDT, Mario Furley. Nova História Crítica - 6ª. Série / São Paulo: Nova Geração, 1999.

MAGRIS, C. Microcosmos. Barcelona: Anagrama, 1999.

MONTELLATO, Andrea. CABRINI, Conceição. CATELLI, Roberto JÚnior. História Temática: Diversidade Cultural e Conflitos - 6ª. Serie - São Paulo: Scipione, 2000.

PARDO, J. L. La Intimidade. Valencia: Pre-textos, 1996

SALEM, Helena. As tribos do mal: o neonazismo no Brasil e no mundo. São Paulo: Atual, 1995.